EGITO E CUCHE: UMA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

MARIA CAROLINA G. RODRIGUES

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Graduanda em História,
caroldrigues01@gmail.com

A historiografia constrói representações da própria história, sendo influenciada pela realidade e o tempo em que estão inseridas. Assim preconceitos, quebras de paradigmas e consequentemente a construção e consolidação de ideias e visões de povos, épocas e acontecimentos são costuradas e formadas sem imparcialidade. Pode-se dizer então que as descrições e conhecimentos que se tem sobre o Egito faraônico e suas relações com Cuche, reino antigo Núbio e vizinho do Egito faraônico, são influenciadas por um modelo historiográfico europeu.

As relações entre Egito faraônico e o Reino de Cuche são de longa data, sendo de caráter militar e mais intensas nos momentos de expansão egípcia como durante o Reino Novo, cuja documentação que sobreviveu aos séculos foi estudada e traduzida a partir do século XVIII por homens europeus inseridos em seu tempo, espaço e mentalidade. Tal documentação foi usada em grandes debates e discussões sobre as interações entre ambas sociedades, baseadas em em conceitos culturais e de fronteiras, formulados devido a momentos de interação e submissão, delineando a construção da importância de Cuche e do Egito Antigo, ao longo da produção historiográfica moderna, e da "egipcianização" da cultura cuxita.

Os debates foram feitos com a ajuda da egiptologia, um conjunto de saberes científicos sobre populações do Vale do Nilo, mas forjada a partir de disputas imperialistas européias, em especial da França e da Inglaterra (SILVA, 2013, p.63), revelando um Egito sob discurso orientalista sendo produzido e desenvolvido ao redor dos conhecimentos prévios sobre os Egípcios antigos, e a construção de um Egito exótico e místico, mas Oriental e não Africano.

A partir disso, as relações entre os Egípcios e cuxitas foram representados e discutidos ao desenvolver da historiografia, mas o modo como foram construídos é a questão da presente pesquisa. Não esquecendo que a prórpia documentação traduzida e base para a produção historiográfica também foi influenciada pelo momento e condição de quem a decifrou.

Desse modo, foram investigadas e comparadas em algumas produções historiográficas do século XX e início do século XXI, objetos de estudos da pesquisa desenvolvida, as interações entre Egípcios e cuxitas, a fim de se encontrar padrão na forma como são representados. A busca e comparação demonstram como as produções apresentam o discurso ainda paternalista, eurocêntrico e orientalista, tornando possível a atualização e problematização dos debates entre ambos em relação ao contexto africano e à de seus significados na modernidade, a partir de seu contexto europeu, ao discutir a ideia de "egipcianização" cristalizada por tantos anos na produção historiográfica.

A pesquisa foi realizada a partir da análise e comparação de algumas obras do século XX como *Nations nègres et culture* de C. A. Diop (1954), *Wretched Kush* de S. T. Smith (2003) e *O Egito dos Faraós* de F. A. Mella (1981) assim como outros autores e de documentos comentados por J. H. Breasted (1906), no segundo volume de sua obra *Ancient Records of Egypt*. Contou, também, como base de pesquisa histórica o volume II da coleção organizada pela UNESCO, *História Geral da África*. Para que a análise e a comparação fossem feitas da melhor forma, conceitos como "egipcianização" e também "orientalismo", o último a partir da obra *Orientalismo* de E. W. Said (2012), foram usados.

Baseado nas questões aqui apresentadas se encontrou possível tendência historiográfica referente aos estudos sobre Egito e Reino de Cuche, assim como suas relações apartir da segunda metade do século XX e começo do século XXI. Durante a segunda metade do século passado a historografia privilegia na maioria das vezes a civilização egípcia que é, muitas vezes, retirada do contexto africano e construída como poderosa ao expandir território e cultura sobre outros povos como o Reino de Cuche, representado como legado egípcio ao sofrer "egipcianização" a partir de contatos não apenas comerciais, mas militares também. Fazendo com que, muitas vezes, a visão orientalista europeia se sobreponha na história.

Tal visão desloca o Egito de contexto africano e o insere em contexto oriental que vigora na mentalidade atual, pois sua antiguidade é considerada parte da história do Antigo Oriente Próximo e não da antiguidade africana. Assim como Cuche, um reino considerado africano, é visto pela historiografia do século XX como receptáculo e cópia da cultura Egípcia, ou seja, "egipcianizado", como afirma D. M. Dixon:

> Cuche foi alvo da influência egípcia no tempo do Médio Reino, quando um centro de trocas egípcio foi estabelecido em Kerma, e o emprego por governadores Núbios, durante o Segundo período Intermediário, de egípcios expatriados e da presença de mercenários núbios no Egito, serviu para aprofundar a egipcianização. Da Décima oitava Dinastia em diante, o grande centro do culto ao deus Amon em Gebel Barkal, foi sujeito de influência religiosa cultural egípcia e do controle egípcio. Assim, ao tempo da retirada egípcia da Núbia, as gerações de cuxitas nativos tinham se tornado completamente egipcianizados. Além disso, tudo ao redor deles se manteve evidência da civilização egípcia, na forma de grandes templos e outros prédios do Novo Reino. Apesar deles terem em partes caído em ruínas, e encobertos de areia até o nono século, eles ainda teriam permanecido fonte de inspiração para os fundadores nativos de Napata. (DIXON,1964, p. 132)

A segunda metade do século XX reforça corrente historiográfica semelhantes à ilustrada por Dixon (1964), dando importância e destaque para o Egito e defendendo a "egipcianização". Contudo, deve-se notar que Cuche foi identificado como um Reino com cultura própria e não apenas citado.

A obra *Nations nègres et culture* de C. A. Diop (1954) é importante para o estudo, pois ela marca o início da segunda corrente historiográfica identificada na pesquisa. A corrente africanista, inaugurada pelo autor citado, tráz a antiguidade faraônica egípcia para contexto africano e ainda identifica a Núbia em geral como provável berço da cultura Egípcia. Essa alternativa historiográfica foi incorporada por autores como Joseph Ki-Zerbo (1999) no volume I de sua obra História da África Negra.

Somado à ambas vertentes identificadas, ao desenvolver a pesquisa foi notado que conforme se avançava o meio do século XX mais debates relacionados à Cuche e outros regiões na Núbia passaram a ser mais pesquisados e o debate sobre as relações com o Egito se incrementou fortemente e no início do século XXI tal tendência se intensificou ainda mais. Grande exemplo para tal acontecimento é a obra *Wretched Kush* de S. T. Smith (2003), cujo foco é Cuche, sua cultura e influências em outras sociedades como a egípcia, revelando que os traços nativos dos cuxitas não foram inteiramente "egipcianizados" como a corrente eurocêntrica.

Dessa forma, a pesquisa ao comparar obras historiográficas identificou duas correntes historiográficas no decorrer da segunda metade do século XX e uma tendência se formar ao fim do século passado e início do XXI. Mesmo assim, a representação do Egito faraônico se

soprepõe ao Reino de Cuche que ainda é pouco estudado e debatido, mas o mínimo que pode-se dizer é que esforços estão sendo feitos para mudar tal visão.

No entanto, as vertentes apresentadas são opostas e talvez visão limiar em relação a ambas seria o ideal, assim como afirma Fábio Amorim Vieira:

> Na análise e discussão crítica aos dois lados desta historiografia, propõem-se o olhar às subalternizações e limites destas perspectivas, paralelas a todo o conhecimento já edificado pelas mesmas. Da fronteira da análise destes dois pensamentos constrói-se o que Walter Mignolo chama de pensamento liminar, ou uma outra lógica que pretenda-se resultar de ambos os pensamentos, mas ao mesmo procedendo na liberação dos saberes refreados pelos dois lados da dicotomia MIGNOLO, 2003, 102-127). Nesse sentido, este outro olhar não renuncia os pensamentos atingidos pela crítica. Ao contrário, ele parte da dicotomia para existir. Ele é, portanto, uma consciência liminar. (VIEIRA, MALATOVA: 2013)

Assim, muito se avançou pela historiografia referente aos estudos entre Egito e as sociedades núbias, construindo vertentes historiográficas e tentativas de retificar preconceitos, porém muito ainda deve ser feito e estudado, a fim de que o conhecimento sobre Cuche e Egito faraônico seja melhor compreendido e, também, para que a historiografia possa continuar a desenvolver estruturas em busca de visões menos radicais.

Palavras Chaves: Egito, Reino de Cuche, Historiografia, Relações.

Referências

ADAMS, William Y.- (1984) The First Colonial Empire: Egypt in Nubia, 3200-1200b.c. **Comparative Studies in Society and History**, 26:1, 36-71.

BHABHA, Homi K., **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BREASTED, James Henry. **Ancient Records of Egypt**, vol.2. Chicago:University Press of Chicago, 1906.

_____ **Ancient Records of Egypt**, vol.3. Chicago:University Press of Chicago, 1906.

DIOP, Cheikh Anta. **Naciones negras y cultura**. Barcelona: Bellaterra, 2012.

DIXON, D. M. (1964) **The Origin of the Kingdom of Kush** (Napata-Meroë). The Journal of Egyptian Archaeology, vol. 50, p.121-132.

HARKLESS, Necia Desiree, **Nubian Pharaohs and Meroitic kings**, The Kingdom of Kush. Milton Keynes: Author House, 2006.

KI-ZERBO, Joseph, **História da África Negra, vol.1**. 3a ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

M'BOKOLO, Elikia**. África Negra, História e civilizações** Tomo I. EDUFBA: Casa das áfricas, 2008.

MELLA, Frederico A. Arborio, **O Egito dos Faraós**. São Paulo: Hemus, 1981.

MIELLE, Lauriane – Nubian traditions on the ceramics found in the Pharaonic town on Sai Island. in Anderson J.R., Welsby D.A. (Ed.), **The Fourth Cataract and Beyond**. Proceedings of the 12th International Conference for Nubian Studies ; British Museum Publications on Egypt and Sudan, n°1, 2014.

MOKHTAR, Gamal. **História Geral da África**,vol. 2. 3a ed. São Paulo: Unesco, 2010.

MORKOT, Robert. The Egyptian Empire in Nubia in the late bronze age (c.1550-170 bce). In: ALCOCK Susan E. , D'ALTROY Terence N., MORRISON Kathleen D. , SINOPOLI Carla M. **Empires: perspectives from archeology and history**. Cambrigde University Press: 2001. p. 227-251.

SAID, Edward W., **Orientalismo** - o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

SILVA, Thaís Rocha da. **Construtos de gênero no Egito Ptolomaico**: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas. São Paulo, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em estudos judaicos e árabes, Universidade de São Paulo.

SMITH, Stuart Tyson. **Wretched Kush**. New York: Routledge, 2003.

TSAKOS, Henriette Hafsaas- (2009) The Kingdom of Kush: An African Centre on the Periphery of the Bronze Age World System, **Norwegian Archaeological Review**, 42:1, 50-70.

VIEIRA, Fábio; MALATOVA, Cláudia. Racialização e Vozes Dissonantes na Historiografia sobre Egito Antigo. Revista Mindo Antigo, v.2, n. 4, p. 139-166, 2013.

http://www.sudarchrs.org.uk/ - acessado em 20/12/2016.

https://www.researchgate.net/figure/262141293_fig2_Figure-2-Map-of-Nubia, acessado em 10/02/2017.